



VIDA E REPRESSOM ATRAVÉS DE MONCHO VALCARCE, O CURA DAS ENCROVAS

Carlos C. Varela

Esta fotografia, tirada em agosto de 1981, é do interior da casa de Sésamo na qual morava 'o cura das Encrovas'. Entre a austera decoração albiscam-se peças de artesanía galega; o que parece um cartaz do movimento nacional-popular e, sobre o dintel, apenas perceptível, a sereia de Castelao. Sobre a mesa de madeira, duas velas, um cacto numha olinha de barro, e umhas florzinhas franciscanas que iluminam toda a instância. Justamente disso, da dimensom mais vivencial e íntima da militancia de Moncho Valcarce, trata este texto.

TOMADA DE CONSCIÊNCIA, SEMINÁRIO E JIMY

Filho dumha corunhesa e um berziano, Moncho cria-se no seio dumha família burguesa. Como cumprindo com o tópico hagiográfico, desfruta dumha juventude cheia de festa, antes de ingresar no Seminário de Sam Martínho Pinário —á idade algo seródia de 26 anos, quando estava a rematar Direito. De moço, já dera mostras dumha desorganizada indignaçom perante a injustiça social, misturada com um cristianismo heterodoxo e franciscano. As conversas que mantém no seu diário com Deus espelham bem esta primeira indinaçom:

“Preocupam-me os obreiros que vivem em habitaçoms onde Ti só vivirias, com pagas ridículas, comparadas às propinas que no café ou no cinema dá o seu patrom. Odiam, justo ódio!, aos que os exploram, amparando-se em leis perfeitas na teoria e satánicas na prática”. (19/12/1961)

Apenas uns dias depois, na Noite Boa, escreve-lhe umha carta ao Meninho Jesus cheia de raiva perante a hipocresia com que a burguesia corunhesa celebra o seu nascimento.

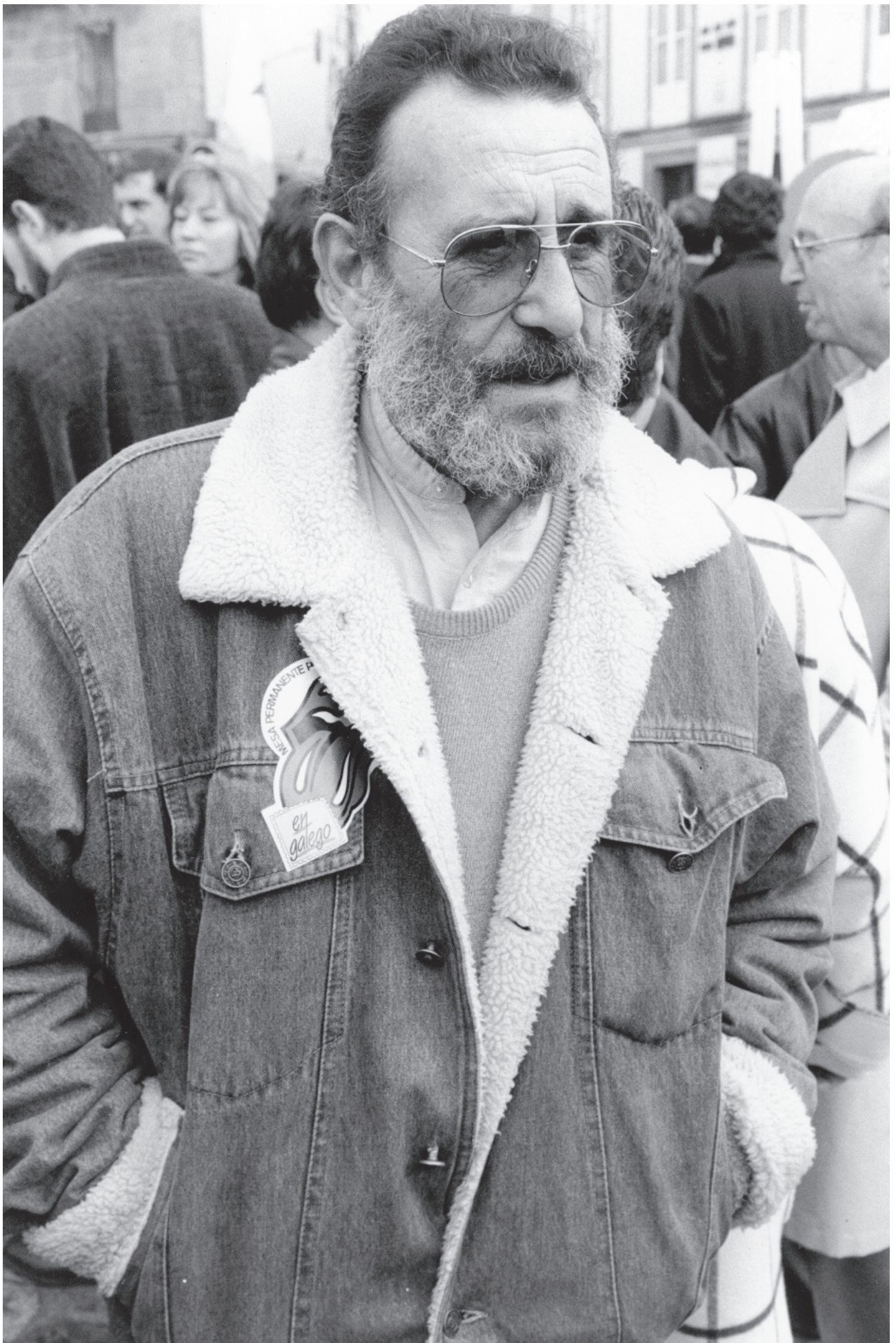
“Contárom-me muitas cousas de ti, inventadas polos 'católicos'; tantas que me figérom chorar de indignaçom e nojo polo que contavam. Nom

me explico como nom és comunista, ou... te dedicas a pôr bombas na ceia, dos ricos! Perdoa a animalada, mas, é verdade!”. (24/12/1961).

Batia com o seu entorno constantemente, e encontrava-se mais cómodo nas margens das famílias 'bem' do momento: “Nom me avergonha ser amigo de prostitutas, maricons, herejes ou gente que considera os curas e a Igreja algo morto. Dam-me nojo, náuseas, os que vam à missasó nos domingos, comungam... os mornos!”. (20/1/1962). No Seminário iniciará umha funda amizade com Manuel Torres Vilariño, 'Jimmy'. Os dous padercerám anos depois a dureza da repressom. No caso de Jimmy, quando após ser ordenado viaja para o Brasil, onde os esquadrons da morte da Ditadura o capturam e torturam. Quando em 1975 a família consegue trazê-lo de volta à Terra, vem já num estado tam delicado que aos dous meses morre.

Anos depois, Moncho recordava o ambiente do Seminário como “Pior que na mili! Aquilo era un cárcere; como estar na cadea”; lamentando-se sobretudo de que “As persoas máis egoístas que tropecei foron os curas ou os seminaristas...” (Entrevista em *Teima*, nº20, 1977). Muito mais importante para a sua formaçom foi o curso que passou na Universidade Gregoriana de Roma, acompanhado do seu amigo Vicente Cerdeiriña. Como tantos galegos, tomou consciência nacional no estrangeiro:

IMV





Moncho falando numha manifestaçom labrega.

“Eu comecei a descobrir a Galiza em Roma”, confessará-lhe a Gumersindo Campaña. Ali conhece o grupo “Os Irmandiños”, centrado sobretudo na recuperaçom da língua –formavam parte dele gente tam destacada na filolofia como Isaac Estraviz ou Montero Santalha-; e também se encontra com cregos abertzales como Balentxi. Era o tempo do conflito de Castrelo de Minho e o ressurgir da resistênci nacional. De volta a Compostela, intentará com outros companheiros encetar um novo modo de vida no Seminário, mais livre e coerente. Como resultado das inovaçoms, Moncho, Jimmy e Joaquín Cifuentes serám expulsos da instituiçom.

A COMUNA DE SÉSAMO E A DEMOCRACIA PAROQUIAL

Finalmente, e a pesar de todo, Moncho é ordenado sacerdote, mas a sua igreja parecerá-se mais a essa do s. XIV que descreve Antóni López Ferreiro do que à do nacional-catolicismo. Desde as suas primeiras homilias em igrejas corunhesas, a combatividade social estará presente em cada um dos seus ofícios religiosos. Carga de novo contra a hipocresia natalícia e pom-se de lado dos oprimidos com todas as consequências:

“Falar numha reuniom de poucos, no secreto da noite, é cómodo e bonito... Mas falar perante muitos e a plena luz é perigoso e incómodo. Nom nos fica mais remédio, se queremos seguir a Cristo, do que denunciar à luz, embora dos do T.O.P. (Tribunal de Ordem Pública, predecessor da Audiência Nacional espanhola) nos esperem fora” (Homilia em Sam José da Corunha, janeiro de 1971).

Em 1971 é destinado a duas paróquias de Culheredo: Sésamo e Sueiro. Ali encontra-se, como queria, com a vida rural. Moncho conhecia e apreciava a democracia paroquial da tradiçom. No seu trabalho *O compromisso político dun presbítero nunha realidade concreta: Galiza*, dedica-lhe muita atençom ao tema, repasando-o através de Castelao, Risco, Cuevillas... Acha, como Xosé Chao Rego, que o perfil “anfíbio” do crego –personagem que nem é da paróquia nem forasteiro- o fai mui útil como intermediário nos conflitos entre a comunidade e o Estado. Como um bom antropólogo, fai observaçoms valiosas sobre a identidade indígena:



Moncho Valcarce, ao lado de Bautista Álvarez.

Denunciará a falta de reconhecimento legal da paróquia (“Hoje a paróquia galega carece de título legal, nega-se-lhe o reconhecimento da sua personalidade jurídica”, embora se reivindica no artigo 40 do Estatuto), e em 1979, ao sair eleito concelheiro polo BN-PG em Culheredo, reclama que os alcaides de bairro sejam escolhidos pola vizinhança e nom impostos polo alcaide municipal.

Contudo, a sua achega mais importante será a da sua praxe no dia a dia em Sésamo. Ali porá em marcha o projeto dumha igreja “completamente despida de poder”: renuncia a cobrar por missar e participa dos trabalhos comunitários, retira os confessionários, oficia com pam e vinho normais, realizando homilias singelinhas e participativas, que versavam sobre a vida em comum. No púlpito, a estreleira, e junto com os cartazes paroquiais os do sindicalismo agrário.

No espiritual acompanhavam-no Francisco de Assis e Joám XXIII, mas também o Ché –tem a sua fotografia na sacristia-, Castelao, Paulo Freire ou Camilo Torres. No terrenal, toda a vizinhança e os moços da cidade que se deslocam à aldeia para viverem na casa paroquial: a “comuna de Sésamo”. Com a sua ajuda a igreja será local de assembleias e teatro,

Ramón Muñiz



No 27 de setembro, a Eira da Joana, ADEGA ea Irmandade Moncho Valcarce fizeram umha homenagem à figura do cura das Encrobas.

X. Salvadores



A homenagem contou com a intervençom de Erva Grileira, Mini e Mero, Fiadeira de Antas, Ricardo Seixo, Gaiteiros de Vilasantar, Adela Figueroa, Lugris, e outros. Na imagem, os gaiteiros de Santaia de Oleiros, Mero e Miro Casavella.

X. Salvadores



Tamén acudiron á Eira da Joana amigos e companheiros de loita do finado Moncho. Na imagem, Ramón Muñiz e Gumersindo Campaña.

© distrito xermar



Homenaxe a Moncho celebrada nas Encrobas no verán do 2013

centro social e educativo, etc. Galeguizam a romaria de Sam Cosme, botam a andar umha biblioteca ambulante e publicam a combativa folha paroquial *Outeiro de San Cosme* (1973-1978). Militantes antifranquistas de todas as cores encontráron na casa reitoral um oásis de liberdade onde se reunirem e debater; e outros como Moncho Reboiras, um refúgio de perseguiçom policial.

A importância que a “ruralizaçom” tivo para o seu percurso vital explica-o na sua última homilia em Sésamo, quando em 1988 se despede da vizinhança:

“Cando cheguei onda vós non falaba o noso idioma, non coñecía un sacho, un gavillo, non distinguía umha vaca dun touro, descoñecía que nin aluminado público, nin teléfono tiñades... a 14 km. da cidade. Lñoraba que máis do 60% dos vecinos andaban por Europa a gañar unhas pesetas que eiquí lles negaban (...)

Vós fixestes de min –Deus fai as cousas por medio das persoas- un crego e un *crego galego*”.

DETENÇONS, TORTURA, ENCERRO...

No 14 de setembro de 1974, Moncho acode a Betanços a umha reuniom com gente do PCE(i); desconfiava “do seu internacionalismo sem pasar polo galeguismo”, mas por cima de todo está o tecer cumplicidades entre compañeiras. A Guarda Civil deteta a reuniom e detemos. Três dias de isolamento na casa-quartel de Betanços, passo pola esquadra policial da Corunha, um par de semanas na prisom provincial, e dous meses de encarceramento substitutório no convento de Poio, será o saldo da operaçom. Um encerro curto comparado com outros mas, como escreveu recentemente Noam Chomsky, “umha soa noite no cárcere. Mesmo umha soa noite é suficiente para ter umha ideia do que significa estar baixo control total de algumha forza externa”.

Afortunadamente, Moncho Valcarce preocupou-se de escrever as suas sensaçons perante esta primeira experiéncia repressiva (à que seguirám muitas outras detençons, multas, agressons, ameasas de morte, etc.), um texto valioso que contém descriçons em que qualquer ativista se reconhecerá. Lembra como perdeu a noçom do tempo durante o isolamento, que resume em “terror, anguria e medo”. Descreve isso que Garfinkel chama cerimoniais de degradaçom, quando lhe quitam todo, “hastra os cordóns dos zapatos, umha forma sutil de despersonalizaçom que soio comprende o que a pasa...”. Numha carta à familia explica como se sente um “quando é levado ao cárcere, onde, oh paradoxo, se encontra livre e feliz, porque sabe que ali já nom está a política política”.

A familia, precisamente, será a sua principal preocupaçom durante todo o processo: “Para min é mais doloroso o seu sofrimento (o da mai) que o meu sofrimento e isto fai-me sofrer duas vezes”. Numha carta à familia (19/10/1974), (“Escrevo para que intentedes, desde as vossas posiçons, compreender-me”) relata-lhes como levou com serenidade a detençom, sem poupar em contar os rigores da mesma, mas:

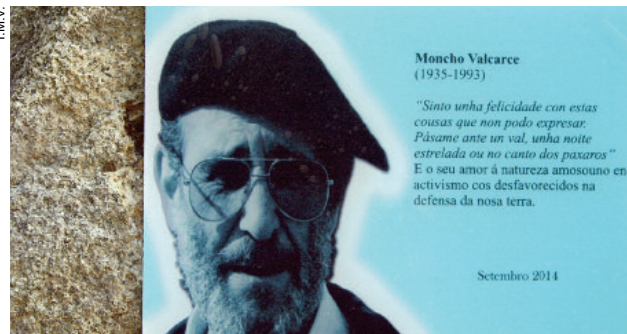
“...quando todo isto sucede a familia grita que nom se lhe dam satisfaçons, que nom quero à mamá; sente-se ofendida, indignada, furiosa... Um, depois de sofrer a maos dos carrascos do poder, sofre agora porque quer à familia e sofre mais porque a familia chega a pôr a um o dilema de “ela” ou “a liberdade”... Um, com medo e dor, escolhe a liberdade e continua a amar a familia... É triste que o sangue comum nom intente compreender a minha obrigada postura”.

A GOZOSA POBREZA

Quando Moncho deixou a paróquia de Sésamo a Diócese pensou em enviá-lo a algumha paróquia da Barcala, mas os curas da comarca opugérom-se: o exemplo dum crego que nom cobrava por missar romperia-



Ramón Muñiz (Irmandade Moncho Valcarce) e Pepe Salvadores (ADEGA), ao lado da pedra de homenaxe, a Moncho, na Eira da Joana.



Moncho Valcarce
(1935-1993)

"Sinto unha felicidade con estas cousas que non podo expresar. Pásame ante un val, unha noite estrelada ou no canto dos paxaros"
E o seu amor á natureza amosouno en activismo cos desfavorecidos na defensa da nosa terra.

Setembro 2014

lhes o mercado dos bens de salvazón. A anedota dá boa conta da súa filosofía de vida. No seu diário apunta notas sobre o desprendimento das cousas materiais:

"En realidade son un pobre que xanta na casa da súa nai, se non morrería coa fame, que non ten nin sequera o comecocos da televisión e non ten cartos nin para mercar unha bicicleta; só teño unhas 15.000 pesetas na Caixa de Aforros (...) Non me queixo, estou contento así e non aspiro a mellorar nin a ter máis. Moitas veces digo que morrerei nun asilo, é o único ao que podo aspirar. Agora ben, pergúntome o por que desta vida pobre. Tan pobre que ata estou exento de pagar cota de militante bloqueiro (...)

A única propiedade egoísta son os libros; que a veces remórdeme a conciencia; veñen ser como o meu capital, e iso non está ben". (9/2/1983).

Esta pobreza voluntaria non se pode deslindar dum profundo gozo de vivir. Durante un retiro espiritual em Poio, onde estivera preso, plasma no seu diário esta alegría franciscana:

"A vida é mui sinxeliña, é VIDA. Os cativos enténdeno, rin e choran, xogan cun pao e teñen unha fantasía marabillosa, que logo matamos; eiquí todo é morte, no altar dos sacrificios, isto é o CONSUMISMO, que hastra inventa xoguetes que se din didácticos ou pedagóxicos... Outros que tamén o entenden son os vellos, os que viven ao aire e cumpren unha misión, que son útiles pero que tamén sacrificamos nos altares considerándoos uns estorbos... encerrámoslos nos asilos ou residencias, para que non molesten e non sexan unha nota desafinada nun mundo de xuventude, de virilidade, acción... ou pechámolos nun cuarto da nosa casa e tirámoslles a comida suspirando: cando morrerá!

(...) Xa nin temos capacidade para mirar un paxaro dando passes de balet, escoitar o espertar da terra ao amencer, ulir os campos despois do trebón, gozar co sal do mar unida á nosa carne, admirarse polas figuras de fume da cheminea dunha lareira... Xa nin sabemos rir, cantar, gozar das cousas pequenas... Xa nin sabemos soñar... Xa nin temos ideais que nos manteñan vivos neste mundo de mortos, desolación, neste mundo de selva, de odio, de veneno...

(...) Cantas veces, tamén, deixo que a chuvia me empape; sinto pracer e poño a cabeza cara a ela. Non foi unha, senón moitas veces, quedarme parado cos brazos abertos e a cara mirando pro ceo. Non llo digo a ninguén, porque xa sei a súa resposta: 'Estás borracho'; pero cando estou borracho cabréame si me mollo...' (Diário dum retiro a Poio, maio de 1980).

Com certeza Moncho Valcarce suscrevería a definición spinoziana da felicidade, que "nom é un premio que se outorga à virtude senom a virtude mesma, e nom gozamos dela porque reprimamos as nosas concupiscencias, senom que, ao contrário, podemos reprimir as nosas concupiscencias porque gozamos dela" (*Ética*, Parte V, Prop. XLII). De facto Moncho Valcarce mantém-se céptico perante o ideal de "renuncia", e prefe-re a de "autosuficiencia", tal e como escreverá durante uns exercicios

espirituais em Ponte d'Eume, em 1983.

A GRANDE SEPARAÇOM

Hoje fala-se muito da política como âmbito cindido da vida, como ausencia de si; da militancia —mesmo a mais radical e consequente— como profilático da crise da presença, como muleta existencial. A vida sempre fica às portas da assembleia. Pola sua dupla condición de crego e militante, duas facetas para ele indiscerníveis, Moncho abordava na sua vida quotidiana este mal-estar da política como esfera cindida, procurando unha revolución integral:

"Cando cheguei a Sésamo púxeme a traballar cos veciños; que se a sachas do millo, que se poñer ou apañar nas patacas, que se traballar nas toradas... Xa dicían os veciños: "Boeno, agora xa non podemos dicir que ningún crego morreu ao caer dun Piñeiro". Pero todo o fixen para cargarme a figura desclasada do abade; que viran que eu, un crego, de boa familia, como se di, abogado para colmo, era ou tiña que ser coma eles. A idea era boa, máis a intención torta, pois fallaba a caridade, o amor ao Un. As loitas das Encrobas, Baldaio, Fruime e outras mais, con cadea e tortura, foron para axudar a ir conquerindo parcelas de poder popular. Está ben a loita pola xustiza, pero non fallaba a idea política, moi clara onte, hoxe e mañá, en min fallaba o AMOR ao UN, como continua a falar ó ser moi feble". (9/2/1983)

DOENÇA FINAL

Diário íntimo da doenza final é a estremecedora crónica dos últimos días do cura das Encrovas, o seu testamento teolóxico-político. Aí están as súas últimas críticas a este mundo, à modernización selvagem, aos que queren "mercar ferrados de ceo", ou à ditadura do dinheiro "No cambio, ata o suxire a verba, o valor supremo, fin absoluto da existencia: ¡o diñeiro! E o país convértese nun gran casino..." Moncho aguarda a morte com unha valentia admirável, e mesmo afirma que "Ben espremida, pasada polo batedor, a doenza é rica en vitaminas".

Um dos seus últimos apontamentos no dia de Reis de 1993 é de reafirmação no seu compromisso.

Nas palabras finais chama polo abraço telúrico: "Eu quero ir à terra, xuntarme coa naiciña terra; non quero nicho: esa cova escura, tapiada con cemento e mármore, dáme noxo. A terra é a nosa irmá, pisámola, camiñamos por ela, dánolo sustento, de cativos xogabamos con ela... estamos de cotío en contacto. Non hai dereito a que ó morrer nos separen nos irmansen co cemento frío e impersoal".

BIOGRAFÍA CITADA

Todas as referencias do texto procedem destes dous libros, traducidos quando venhem em castelano, e tal e como as escriveu Moncho Valcarce quando o fiyo em galego.

- VALCARCE, Moncho. Revolucionario e místico. *Diário íntimo de doenza final*. Santiago de Compostela, Encrucillada, 1994.
- PÉREZ PRIETO, Victorino (ed.) *Moncho Valcarce un símbolo para Galiza. Diarios inéditos e outros textos*, Trifolium, 2010.